

Escrevivência – um Conceito em Expansão

Escrevivência – a Concept in Expansion

Marcelo de Jesus de Oliveira¹

Juliano Casimiro de Camargo Sampaio²

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: A expressão escrevivência surge entre os anos de 1994 a 1995, tendo uma escritora afro-brasileira como percussora. No âmbito da literatura, espaço que inicialmente é representado como plano de fundo para o surgimento da respectiva noção, esta é emersa com o principal objetivo de rasurar o papel atribuído às mulheres negras no curso na escravidão no Brasil, bem como subverter o sistema que dificulta e invisibiliza produções literárias de mulheres pertencentes às classes populares. No entanto, o referido termo se expandiu gradativamente após a sua midiaticização, tornando-se objeto de pesquisa de estudiosos de diferentes áreas do conhecimento. Por isso, define-se como objetivo desse trabalho analisar como este conceito tem se alargado nas ciências humanas e sociais. Para tanto, por meio de uma pesquisa bibliográfica, analisou-se oito (8) trabalhos publicados entre 2002 a 2019 angariando identificar as ramificações da expressão original. Sendo assim, o arcabouço teórico fora construído a partir de fundamentações de Oliveira (2018); Silva (2002); Soares (2017); Almeida (2018), Busko (2019), dentre outros. Diante disso, concluiu-se que embora este conceito tenha sido difundido (in) conscientemente pela autora entre 1994 a 1995 para nomear o ofício de escrita de mulheres negras, nos estudos contemporâneos essa expressão tem se alargando de maneira abrangente,

¹ Doutorando em Letras: Linguagens e Representações, na linha de pesquisa Literatura e Interfaces, pela Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC (2022-2026); mestre em Letras, na linha de pesquisa Literatura, História e Imaginário, pela Universidade Federal do Tocantins - UFT (2019-2021); especialista em Literatura Contemporânea, pela Faculdade Mantense dos Vales Gerais - INTERVALE (2020) e Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Arte, pela Faculdade Venda Nova do Imigrante - FAVENI (2020) e licenciado em Letras Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL (2016-2020). Atualmente, é membro do Grupo de Pesquisa em História e Literatura (GEHISLIST/PUC-Minas); GPAFRO-Grupo de Pesquisa Literatura, História e Cultura: Encruzilhadas Epistemológicas (UESC) e Ensino da Leitura, Escrita e Formação Docente (GELEF/UFMA). E-mail: pfmarcelopt@gmail.com

² Pós-doutor em Educação (UNICAMP - CORPO-TEMPORALIDADE: a intuição como conhecimento no ensino de teatro), Pós-Doutor (INTENCIONALIDADE E AFETIVIDADE - A paisagem corporal-pessoal nos processos de construção de conhecimento no contexto de experiências corporais-estéticas), Doutor (AS ARTES CÊNICAS E O CONSTRUTIVISMO SEMIÓTICO-CULTURAL EM PSICOLOGIA - diálogos a partir da experiência corporal-estética em Composição Poética Cênica) e Mestre (DRAMATURGIAS CONSENSUAIS - a interação verbal no ato criativo) em Psicologia, pelo Instituto de Psicologia da USP; Bacharel em Artes Cênicas, pela UNICAMP; Licenciado em Teatro (Mozarteum); é professor adjunto em regime de dedicação exclusiva do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e professor permanente do Mestrado em Letras (Porto Nacional) da mesma universidade. Coordenador do CONAC (Grupo de pesquisa em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento - CNPq/Brasil); foi presidente do Instituto de Arte e Cultura (UFT); responde como Diretor Artístico-Pedagógico do Eu-Outro Núcleo de Pesquisa Cênica (Tatuí-São Paulo - desde 2010), e como pesquisador do Laboratório de Interação Verbal e Construção de Conhecimento (IP/USP - desde 2008). Desenvolve pesquisas nas fronteiras entre as Artes Cênicas, a Psicologia (Construtivismo Semiótico-Cultural) e a Educação (em uma perspectiva filosófico-cultural), tomando como temas de interesse: Corporeidade, Composição Poética Cênica, Narrativa de Criação, Construção de Conhecimento e Desenvolvimento Afetivo-Cognitivo Humano. É vice-presidente da Federação de Arte Educadores do Brasil (FAEB). E-mail: juliano.casimiro@uft.edu.br

subsidiado, portanto, novas pesquisas, sobretudo no campo das ciências humanas e sociais que, por sua vez, a reconhece como espaço promotor de discussões políticas, étnicas e de gênero.

Palavras-chave: Escrivivência; expansão; ciências humanas e sociais.

Abstract: The term *escrevivência* appears between the years 1994 and 1995, with an Afro-Brazilian writer as a precursor. In the field of literature, the space that is initially represented as the background for the emergence of the respective notion, it emerged with the main objective of erasing the role attributed to black women in the course of slavery in Brazil, as well as to subvert the system that hinders and invisibilizes literary productions by women belonging to the popular classes. However, the term has gradually expanded after its mediatization, becoming the object of research by scholars from different fields of knowledge. Therefore, the aim of this paper is to analyze how this concept has expanded in the human and social sciences. To this end, by means of a bibliographical research, eight (8) works published between 2002 and 2019 were analyzed, in order to identify the ramifications of the original expression. Thus, the theoretical framework was built from the foundations of Oliveira (2018); Silva (2002); Soares (2017); Almeida (2018), Busko (2019), among others. In light of this, it was concluded that although this concept was spread (in) consciously by the author between 1994 to 1995 to name the writing craft of black women, in contemporary studies this expression has been broadening in a comprehensive manner, subsidizing, therefore, new research, especially in the field of humanities and social sciences, which, in turn, recognizes it as a space promoting political, ethnic, and gender discussions.

Keywords: *Escrevivência*; expansion; human and social sciences.

Recebido em 26 de março de 2022.

Aprovado em 4 de Agosto de 2022.

Introdução

Nascida em Belo Horizonte-MG, oriunda de família de mulheres negras que ganharam a vida como faxineiras, cozinheiras e empregadas domésticas, Maria da Conceição Evaristo de Brito se revela no cenário literário pós-moderno como uma das mais importantes escritoras negras do Brasil. A literatura de Conceição Evaristo assume uma postura lírico-poética, sustentando, no mesmo intervalo de tempo, a militância em que se insere a autora, isso é, as obras da escritora oscilam, simultaneamente, entre ficção e realidade de modo que possibilitem fazer menção a uma sociedade ou grupo social já existente. No enredo de suas narrativas, “as histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas” (EVARISTO, 2017), e as personagens, não somente em *Becos da Memória* (2017) e *Ponciá Vicênio* (2003) como noutras obras, são potencialmente negros e denunciam questões sociais que dizem respeito ao passado da autora vivido em Minas Gerais ou ao resgate de sua própria imaginação, como situações vividas em coletividades pelos seus afrodescendentes, modalidade de escrita literária que a autora intitula por *escrevivência* (OLIVEIRA, 2009).

Desse modo, o neologismo *escrevivência* utilizado por Conceição Evaristo para originalizar e organizar seus textos faz menção ao ofício da escrita em consonância com suas experiências cotidianas de modo tão íntimo que se as confundem. No sentido de escrita do cotidiano, a romancista estreia no cenário literário dando voz a grupos subalternizados: homens e mulheres negras, crianças, bêbados, putas e malandros (EVARISTO, 2017), dando-lhes espaço na literatura nacional ao invés de estereotipá-los. Por outro lado, certamente em decorrência do seu engajamento na militância antirracista, os textos da citada escrevente possuem espaço privilegiado e convidativo a discussões reflexivas sobre a dinâmica de formação e sobrevivência dos povos negros em uma sociedade onde a segregação racial é estrutural.

Nesse sentido, pensado a partir das nuances na compreensão do conceito de *escrevivência* – tanto aquelas difundidas por Conceição Evaristo, quanto às respaldadas pelos estudiosos e pesquisadores brasileiros –, este trabalho surge com o objetivo de analisar como este conceito tem se alargado nas ciências humanas e sociais. Para tanto, selecionou-se um quantitativo de oito (08) trabalhos de caráter científico – entre eles dissertações de mestrado, monografia, ensaio e artigos científicos – cujo foi-se possível identificar a expressão ultrapassando o espaço que convencionalmente lhe foi dado, motivado pela produção de trabalhos de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. Utilizou-se como critério de inclusão, portanto, trabalhos devidamente publicados em periódicos, anais de eventos e/ou repositórios científicos cujo se versaram sobre a expressão *escrevivência*; foram excluídos, em contraponto, aqueles que não apresentaram nenhuma ramificação ou foram produzidos em áreas não afins às ciências humanas e sociais. Por conseguinte, consideramos que após as análises dos materiais organizados na *tabela 1* tornou-se possível compreender como está sendo operado o respectivo conceito e suas variações de acordo com área em que está sendo utilizado.

Os desdobramentos são apresentados a partir da compreensão do objetivo que se é traçado no trabalho analisado; das áreas pelas quais dialogam com a temática seleta – embora dois (02) deles apresentem uma expansão do conceito permanecendo no campo literário –; os operadores/palavras-chave; a maneira pela qual a discussão é conduzida e invoca outras questões e os possíveis resultados. Com isso, fez-se viável depreender como os autores dos trabalhos compilados entendem o conceito de *escrevivência* e, mais

tarde, operam para efetivar o deslocamento, alguns consideravelmente radicais, outros não.

Para além das seções introdutórias e conclusivas este artigo apresenta ainda a unidade intitulada *A expansão da noção escrevivência*, na qual por meio de uma revisão bibliográfica analisou-se como o conceito surgido por Conceição Evaristo no âmbito da literatura brasileira tem ganhado espaço nas demais áreas do conhecimento, apresentando, de maneira significativa, outras óticas e, portanto, novos sentidos à referida expressão.

1. A expansão da noção escrevivência

Consoante à Evaristo (2017) a noção escrevivência surge entre os anos de 1994 a 1995 com objetivo de romper com o imaginário social que circunda sobre a mulher negra desde o período escravagista no Brasil, como pode ser observado em: “[...] escrevivência nasce muito querendo borrar esse processo histórico. Se houve um momento em que as mulheres negras tinham por obrigação adormecer os da casa-grande, hoje o nosso texto [...] não pretende adormecer os da casa-grande, pelo contrário, pretende acordá-los dos seus sonhos é... injustos” (TVBRASIL, 2018). No entanto, bem como pontuou Foucault (2012), basta somente um discurso primeiro para que outros sejam surgidos tomando rumos diferentes. Nessa esteira, salientamos que a partir da compreensão de escrevivência no plano e discurso literário, outras compreensões foram emergidas, sobretudo nas ciências humanas e sociais, como poderá ser percebido no desenvolvimento desta seção.

Isso posto, poder-se-á avançar para apresentação dos trabalhos tabelizados (*tabela 1*), onde se é possível identificar com evidência nos trabalhos compilados os respectivos elementos: autores, título, palavras-chave, natureza do trabalho e ano de publicação; e, posteriormente, para as análises da ampliação da noção a qual nos referimos, em diversas áreas do currículo das ciências humanas e sociais.

TAB. 1 - Materiais coletados para análise da expansão do conceito de escrevivência

Autores	Título	Palavras-chave	Natureza	Ano	
OLIVEIRA, Célia.	Escrevivências e reflexões sobre práticas pedagógicas nas ações para as relações étnicorraciais	Escrevivências; práticas pedagógicas; relações étnicorraciais.	práticas relações científico	Ensaio científico	2018
SILVA, Vilma.	Os brutos: escrevivência de um escritor de província	Romance de 30; José Bezerra Gomes; narrador.		Artigo científico	2002
SOARES, Lissandra.; MACHADO, Paula.	“Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em psicologia social	Escrevivências; escrita feminina; metodologia de pesquisa; psicologia social; assistência social.	escrita negra; social;	Artigo científico	2017
BISPO, Vilma.; SANTOS, Elisângela.	Leci e Januário: escrevivências negras contemporâneas na música e fotografia	Leci Brandão; Januário Garcia; escrevivências negras.		Artigo científico	2017
PRADO, Andréa.	Escrita feminina na obra de Rachel de Queiroz: feminismo, autoficção e escrevivência em Dôra, Doralina e memorial de Maria Moura	Autoficção; crítica feminista; escrevivência; escrita feminina; Rachel de Queiroz.	crítica escrevivência;	Dissertação	2019
SOARES, Lissandra.	Escrevivências sobre mulheres negras acompanhadas pela proteção social básica – uma perspectiva interseccional	Mulheres negras; interseccionalidade; trajetórias de vida; proteção social básica; assistência social.	negras;	Dissertação	2017
ALMEIDA, Arthur Gomes	A história de a.: escrevivências de um aluno cotista negro no curso de psicologia da ufrgs	Cotas raciais; psicologia; colonização; descolonização; relações étnico-raciais; meritocracia; escrevivência; universidade.	psicologia; racismo;	Monografia	2018
BUSKO, Paula Simone	Escrevivências decoloniais: o movimento do feminismo agroecológico como um modelo de educação informal no Vale do Ribeira (SP)	Educação informal; práticas educativas; feminismo agroecológico; decolonialidade.	práticas feminismo	Artigo científico	2019

FONTE: Tabela construída para fins desta pesquisa.

Os materiais trazidos na tabela acima dizem respeito a trabalhos desenvolvidos não somente o âmbito da literatura, mas, também, da educação formal e informal, psicologia social e clínica, bem como da música e fotografia. A começar pela categoria pedagógica, Oliveira (2018), ao tecer o trabalho intitulado *Escrevivências e reflexões sobre práticas pedagógicas nas ações para as relações étnicorraciais*, este que se constitui como uma parcialidade de sua dissertação de mestrado cujo tem-se por título *Sobre nós, mulheres negras na escola: um estudo sobre relações raciais e perspectivas decoloniais na educação* (2016) e objetivo “apresentar e potencializar os registros do vivido, no cotidiano escolar, realizados por praticantes docentes” (OLIVEIRA, 2018), apresenta um desdobramento curioso da noção de escrevivência.

Em seu trabalho, a autora parte do princípio de que escrevivência, em sua forma genuína, se trata de “narrativas construídas tendo como lugar de fala a escrita em primeira pessoa”, ou ainda, de um “termo presente nas narrativas de histórias de vida de sujeitos silenciados e subalternizados pela história oficial [consideramo-nos adeptos a relativização a expressão, isto é, dita história oficial] como direito a possuir um lugar de memória” (OLIVEIRA, 2018, grifo nosso). No entanto, a partir da ciência das infinitas possibilidades que o conhecimento prevê e possibilita, a pesquisa faz uso da escrevivência, deslocando-a da literatura, para problematizar na pedagogia questões referentes às práticas docentes de professoras e alunos negros – sobretudo na cidade de Duque de Caxias - RJ –, decolonialidade, construção curricular, memória e raça.

Diante disso, observou-se que o deslocamento propiciado por Oliveira (2018) fez surgir, conseqüentemente, um uso exterior aquele já conhecido em relação a escrevivência, pois, se por um lado esta expressão concerne à experiência de homens e mulheres negras com a escrita recreativa/literária, na pesquisa da respectiva autora o conceito é tomado “como proposta metodológica na constituição de uma escrita que compõem experiências e vivências de mulheres negras, cujos caminhos percorridos para o ato de ensinar, nos espaços oficiais de ensino [...] perpassam por diversos desafios, tais como, o enfrentamento e tentativa de superação do racismo, bem como a subalternidade e invisibilidade de seus corpos” (OLIVEIRA, 2018), isto é, método para visibilizar e discutir as práticas docentes pelo viés étnico, posto que o preconceito e o racismo permeiam agressivamente as estruturas educacionais e assolam o ofício preceptorial no campo onde desenvolveu-se a presente pesquisa.

Neste caso, em específico, o uso da expressão expandida é justificado, pois, a incorporação do conceito de escrevivência como uma prática metodológica proporcionou a pesquisadora uma dimensão etnoeducadora e a participação de grupos como a *Rede Carioca de Etnoeducadoras Negras*, este que é desenvolvido em consonância com a *Red de Maestros y Maestras Hilos de Ananse*³ – Colombia e cujo interesse se centra no intercâmbio das experiências pessoais de seus membros. Sem embargo, a autora assume o conceito de escrevivência como uma “saída que oferece para a compreensão dos processos educacionais circunscritos pelas práticas cotidianas escolares” (OLIVEIRA, 2018). Assim feito, angariou-se como resultados da aplicação do conceito escrevivência como proposta metodológica a reflexão das práticas docentes

³ Rede de Professores e Professora Filhos de Ananse - Colômbia [tradução livre]

de professoras negras em Duque de Caxias - RJ, bem como suas inquietações pertinentes a construção do currículo pedagógico que opera de modo a dificultar o processo de emancipação dos sujeitos considerados subalternos, bem como questionar a colonização epistêmica ainda em curso no cotidiano escolar (OLIVEIRA, 2018).

Em Busko (2019), objetivamente em *Escrevivências decoloniais: o movimento do feminismo agroecológico como um modelo de educação informal no Vale do Ribeira (SP)*, o conceito de escrevivência é ainda associado às experiências femininas, no entanto, nesta pesquisa, embora também labore sob o cenário pedagógico, enfocando o sistema de educação informal, o gênero feminino está restringido não somente a professoras ou mulheres negras, mas, sim, àquelas que atuam na agroecologia, sobretudo na cidade de Vale do Ribeira – SP. Por isso, a presente pesquisa detém como principal objetivo “evidenciar narrativas de mulheres no campo” (BUSKO, 2019) e, sucessivamente, fazer uso dessas narrativas para a constituição de materiais onde por meio deles são perpassados os conhecimentos por essas mulheres produzidos.

A autora desenvolve a pesquisa em uma comunidade de mulheres agrícolas que para além das atividades realizadas no campo, desenvolvem por meio de interações orais e motivadas por entidades tais como a Pastoral da Terra – PDT, Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional na Agroecologia – GTMANA, Instituto Socioambiental – ISA, dentre outros, uma rede de compartilhamento de conhecimento sobre assuntos referentes às práticas da agricultura familiar, feminismo agroecológico, decolonialidade, assim como o lugar e valor da mulher na ambiência política e social, permitindo-lhes reconhecer seus espaços e a importância de ocupá-los.

É nesse sentido que a autora afirma que os conhecimentos perpassados por essas mulheres e, conseqüentemente, a expansão desses debates, bem como o “trabalho político-educativo realizado com as trabalhadoras rurais as ajudaram na formação de uma consciência crítica” (BUSKO, 2019). Na seção *Escrevivências decoloniais: educação informal pela oralidade* é possível compreender de forma holística a compreensão que se tem sobre escrevivência e como a autora se versa sobre para alcançar os objetivos que se é proposto na referenciada pesquisa. Em uma análise relacional, considerando o trabalho comentado anteriormente, desenvolvido por Oliveira (2018) e o original ora analisado, percebe-se que há um distanciamento formidável na compreensão da expressão escrevivência, posto que Busk (2019, grifo no original) a

percebe como “uma memória [...] em que se pode (re) descobrir as fantasias nas expressões dos sujeitos ao lembrarem o passado”.

Contudo, diante do que fora exposto observou-se que memória, história oral e escrevivência são para a autora elementos intimamente associados, o que vai de encontro a significação deste conceito para Conceição Evaristo, como foi-se comprovado na seção anterior. Outrossim, a cientista traça em seu trabalho um paralelo de como a discutida noção no plano genuinamente literário constata com seu estado assumido nos estudos decoloniais, propriamente dito. Para a estudiosa, enquanto na literatura as escrevivências podem emergir como um poema, conto ou crônica; nos estudos descoloniais surgem como experiências emergidas por meio de narrações “de uma época, um momento, um aprendizado, uma festa, um encontro, um pensamento e um sentimento qualquer esfacelado e resgatado de uma vivência que fará, de certo modo, refletir e compreender uma realidade vivida” (BUSKO, 2019).

O ponto central que marca o documento em questão é a proposição de um modelo de educação informal com base nos conhecimentos produzidos e difundidos por mulheres que vivem em espaços agrícolas e possuem vastas experiências sobre. Estes conhecimentos, por sua vez, são produzidos e circulados pelas confecções das escrevivências de mulheres agricultoras em Vale do Ribeira – SP, isto é, pelas narrações das experiências vividas por essas mulheres que auxiliam a expansão do feminismo agroecológico, fazendo-as conhecer o caminho para a alteridade. Desse modo, pode-se facilmente afirmar que o conceito de escrevivência em Busko (2019) assume caráter multidisciplinar ao mediar discussões que travessa a literatura e se expande para a ecologia, sociologia, educação e outros.

Em *Leci e Januário: escrevivências negras contemporâneas na música e fotografia*, como bem pode ser observado pelo título que se é dado à respectiva pesquisa, as autoras Bispo e Santos (2017) ambientam o conceito de escrevivência em duas das mais improváveis áreas dentre todas aquelas nessa seção discutidas: a música e a fotografia – o que particularmente muito nos surpreende –. Como objetivo do trabalho, as autoras apontam para uma promoção de discussões entre diferentes linguagens do campo artístico do século XX, mais especificamente, mediam diálogos ente os trabalhos fotográficos e cancionais dos artistas Januário Garcia e Leci Brandão a partir do conceito de escrevivência que, mais tarde, ganhará uma nova percepção motivada pelo trabalho das autoras.

No ponto de vista das autoras tanto a fotografia quanto a música são passivas de dimensões memoriais, considerando que as expressões visuais e sonoras são capazes de captar a vida humana, de certa forma e por diferentes ângulos e contextos de grupos ou pessoa que as produzem, constituindo-se, dessa maneira, como potenciais produtores de textos estético-narrativos (BISPO & SANTOS, 2017). O deslocamento na expressão original – escrevivência – no trabalho em questão assume um caráter radical pela área em que agora é posto, no entanto, é possível identificar elementos profundamente comuns àqueles elencados por Conceição Evaristo, haja vista que as *corporas* nas quais se debruçam as pesquisadoras, por exemplo, tratam-se de produções que tematizam pautas comuns às produções da escritora: a luta antirracista, a trajetória da mulher negra periférica e a empregada doméstica, assim como a luta pela liberdade e emancipação do sujeito negro.

Neste mesmo caminho, sabido as teóricas laboram com a música – elemento sonoro – e a fotografia – visual –, vê-se que o conceito de escrevivência fora utilizado, em primeira instância, como um pressuposto social para operarem especificamente com música na qualidade da palavra cantada. Por outro lado, para lidarem com a fotografia, como propuseram as pesquisadoras, foi-se utilizado o conceito de fotoescre(vivência) fundamentado por Bispo (2016) em sua dissertação de mestrado cujo tem por título *Trajétoias e olhares não-convexo das fotoescre(vivências): condições de atuação e de (auto)representação de fotógrafas negras e fotógrafos negros* (2016) que, por sua vez, provém do conceito emergido por Conceição Evaristo.

Desse modo, a própria ramificação do conceito que faz emergir a noção de fotoescre(vivência) se constitui como desdobramento da expressão no sentido incipiente, pois, se por um momento a expressão significou a capacidade de escrever por meio da palavras as memória de um determinado grupo de pessoas, em fotoescre(vivência) esta capacidade também é validada, no entanto, a escrita e a rememoração desses sujeitos não se dá pela palavra escrita categorizada como linguagem verbal, mas por imagens e artifícios imagéticos capazes de construir narrativas.

Pelo que se é discutido no respectivo trabalho, percebe-se que as autoras se filiam, em caráter de conceptualização, dentre as muitas significações possíveis – já que se foi constatado que a noção de escrevivência é portadora de um grande número de sentidos – à ideia de que escrevivência sob a ótica que Conceição Evaristo pressupõe se

trata de um conceito triplo facetado, onde os elementos que compõe a tríplice são representados por: corpo, condição e experiência. Sendo assim, “a corporeidade funciona como ponto seguro de afirmação de traços identitários em contraponto aos estereótipos”; a condição diz respeito à “tomada da consciência étnico-social” e a experiência, como previamente pode ser percebido, refere-se à vivência “do sujeito negro no curso histórico-social e na construção de rede de solidariedade” (BISPO & SANTOS, 2017).

À vista disso, como pontuado anteriormente, este trabalho exprime uma significativa e surpreendente expansão no conceito original. As autoras, de maneira muito evidente, cunham que no respectivo documento o conceito de escrevivência, para atender ao que fora proposto como principal objetivo do trabalho fora entendido por:

Escrevivência é (sic) entendida, aqui, como imagem e/ou poética, constitui-se como ferramenta discursiva e refere-se a quem se debruça em compor, apresentar e defender repertórios que possam provocar reflexões acerca da produção artística de/sobre pessoas negras, tal qual perceber o ser humano como o ser-sujeito negro é (BISPO & SANTOS, 2017).

Sendo assim, o que se tem por escrevivência e/ou fotoescre(vivência) é a máxima de que este/s conceito/s referem-se a imagens e poéticas capazes de provocar inquietações reflexivas sobre ou a partir de produções – nesse caso visual e sonora – de artistas negros, sejam eles do sexo masculino ou feminino. Nesse sentido, com o conceito de escrevivência/fotoescre(vivência) ampliado e aplicado nas áreas da fotografia e da música, as autoras angariaram como resultados finais reflexões referentes às memórias de cantores e fotógrafos negros, bem como sobre a construção da subjetividade presente em suas produções, especialmente nos anos de 1970 a 1980, indicando elementos constitutivo da identidade e memória afro-brasileira.

O então conceito alarga-se ainda para a área da psicologia social, como pode ser percebido com o texto que apresentaremos a seguir. No trabalho intitulado “*Escrevivências*” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em psicologia social, perscrutado por Soares e Machado (2017), as autoras definem como objetivo apresentar “o conceito de “escrevivências”, de autoria da escritora Conceição Evaristo, como método de investigação e produção de conhecimento nas Ciências Humanas e Sociais e, em particular, no campo da Psicologia Social” (SOARES & MACHADO, 2017, grifo no original).

Desse modo, é perceptível que é por meio de um diálogo multidisciplinar entre a literatura, política de assistência social e a própria psicologia que o texto ora discutido se minudencia. As autoras buscam nos relatos confeccionados por meio da compreensão de escrevivência – enquanto método de pesquisa – de mulheres negras assistidas pelo Sistema Único de Assistência Social – SUAS, estrictamente do Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, produzir conhecimentos no âmbito das ciências humanas e sociais, especificamente em se tratando de políticas à proteção básica da mulher.

Na presente pesquisa, a noção de escrevivência é entendida similarmente a compreensão de Bispo e Santos (2017) no trabalho anteriormente comentado, somado à algumas outras considerações. Nesse contexto, para além da tríplice constituída pelo corpo, condição e experiência, as pesquisadoras acrescentam ainda que a escrevivência são textos onde “utiliza-se da experiência do autor para viabilizar narrativas que dizem respeito à experiência coletiva de mulheres” (SOARES & MACHADO, 2017). Nesse caminho, as pesquisadoras utilizam ainda elementos da obra *Becos da Memória* (2017) para cunhar e, conseqüentemente, sustentar a assertiva que na escrevivência “as histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contada” (EVARISTO, 2017b), excerto utilizado para aludir ao recalque das memórias enfraquecidas pelo tempo que, em detrimento do esquecimento, surge a necessidade de invenção.

O uso da noção de escrevivência como uma proposta metodológica, como assim utilizam Soares & Machado (2017) é justificado pelos benefícios que esta ramificação possibilita, posto que “ela se presta a uma subversão da produção de conhecimento, pois, além de introduzir uma fissura de caráter eminentemente artístico na escrita científica, apresenta-se por meio da entoação de vozes de mulheres subalternas e de sua posicionalidade na narração da sua própria existência” (SOARES & MACHADO, 2017). Nessa esteira, compreende-se que a ideia de escrevivência, quando aplicada como método científico, não somente auxiliam a produção de conhecimentos potencialmente necessários, mas também convida a ambientação da arte no espaço do cientificismo.

Diante disso, consoante às autoras, uma vez aplicado este método, as escrevivências produzidas “desenrola fios de experiências múltiplas que, ao mesmo tempo, se enredam nas histórias de mulheres negras e suas experiências com a Política de Assistência Social. O si-outra (s) de uma invenção compartilhada” (SOARES & MACHADO, 2017). Conseqüentemente, entende-se que nesta pesquisa a expressão

escrevivência se amplifica de modo a atuar como procedimento científico que visa a promoção de conhecimentos no espaço da psicologia social, ramo da psicologia que objetiva estudar o comportamento humano, estabelecendo pontes teóricas entre a antropologia, história, ciências políticas e outros.

Noutro momento, é desenvolvido por Soares (2017) o trabalho nomeado de *Escrevivências sobre mulheres negras acompanhadas pela proteção social básica – uma perspectiva interseccional* (2017) cujo principal objetivo foi analisar as “trajetórias de vida de mulheres acompanhadas por serviços da Proteção Social Básica, no âmbito do Sistema Único de Assistência Social (SUAS)” (SOARES, 2017).

No presente documento a autora analisa a trajetória de vida de mulheres negras no intuito de perceber como os operadores sociais, em particular: gênero, raça, etnia, classe e idade marcam e modelam suas condições enquanto sujeito, buscando neste mesmo caminho compreender como a experiência de uma modifica a experiência da outra (SOARES, 2017). Neste trabalho, a autora defende a noção de escrevivência baseado na fundamentação de Mattos & Xavier (2016), colocando-a como perspectiva onde se põe “os usos a escrita e a construção de pautas políticas, referentes aos traços do/a autor/a presente na narrativa” (SOARES, 2017).

Neste trabalho as discussões são conduzidas por meio de questões étnicas-sociais, pois, as histórias contadas pelas mulheres que participaram voluntariamente da pesquisa em questão dizem respeito a situações intimamente presente no cotidiano de mulheres negras brasileiras, incluindo, desse modo, a pesquisadora. Os relatos produzidos por essas mulheres e tratados por outra pertencente ao mesmo grupo étnico, foram nomeados de escrevivência, pois, foi-se possível analisá-las a partir de situações vivenciadas em particular por parte do sujeito pesquisador, como bem pontuado por ela quando diz que escrevivência, no respectivo trabalho, se trata de “contar as histórias dessas mulheres por meio da minha própria história como trabalhadora e pesquisadora negra” (SOARES, 2017), desse modo, a escrevivência estando representada pela capacidade de contar histórias outras por meio ou a partir da sua própria.

Nessa conjuntura consideramos pertinente a forma como ambos os trabalhos (cf. Soares & Machado, 2017) apresentam o desdobramento do conceito de escrevivência, pois, enquanto em Soares & Machado (2017) a respectiva noção é tomada como uma proposta metodológica para a produção de conhecimento nas ciências humanas e sociais; em Soares (2017), a escrevivência é apresentada como uma

maneira de contar a história do outro por meio ou através de suas próprias experiências, utilizando para o que se propõe a própria fundamentação metodológica percorrida em *“Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em psicologia social* (2017), com isso, legitimando-o como método de produção científico-artística.

Não obstante, dando continuidade ao deslocamento do conceito de escrevivência da literatura para a psicologia social, tem-se também a pesquisa denominada *A história de a.: escrevivências de um aluno cotista negro no curso de psicologia da UFRGS*, de Almeida (2018). Neste trabalho, como pode-se perceber pelo que é enunciado no título, o autor traça como principal objetivo “apresentar sua vivência como aluno negro, ingressante por cotas raciais, no curso de Psicologia da UFRGS⁴, assim como episódios que envolvam outros colegas” (ALMEIDA, 2018), isto é, no trabalho em questão são elencadas as trajetórias de estudantes negros do curso de psicologia social cujo, pelo que são posto nos relatos, lidam cotidianamente com situações em torno das questões a seguir: “cotas raciais, psicologia, colonização, descolonização, racismo, relações étnico-raciais, meritocracia e universidade” (ALMEIDA, 2018), elementos indicados, inclusive, nos operadores do referido trabalho.

A noção de escrevivência ao qual o autor se perfilha é aquela caracterizada pela “escrita das nossas memórias” (ALMEIDA, 2018), ou ainda, pela maneira de “conta as nossas histórias a partir das nossas perspectivas, é uma escrita que se dá colada à nossa vivência, seja particular ou coletiva, justamente para acordar os da Casa-Grande” (EVARISTO, 2017c *apud* ALMEIDA, 2018). No desenvolvimento da presente pesquisa é percebido que muitos elementos da escrevivência, no sentido umbilical da expressão, ainda é essencialmente conservados, principalmente levando em consideração as questões étnico-sociais, pois muito são muitas lapidadas pelo respectivo cientista.

Nessa via, observamos que as experiências do pesquisador enquanto sujeito do meio no qual foi-se utilizado para observação e desenvolvimento do trabalho, em consonância com as de outros colegas do mesmo curso e outros, auxiliaram o autor da pesquisa momentaneamente discutida a desenvolver aquilo que se foi notado como o desdobramento da presente noção, uma vez que são por meio de situações comuns a estes acadêmicos em relação as temáticas já elencadas que foi-se possível produzir

⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

discussões políticas e formativas. Para o autor, a justificativa pela adoção deste método de escrita/trabalho é assegurada pela capacidade de produzir afetação e contagiar os acadêmicos a partir dessas experiências, além de se caracterizar como um método que isenta a neutralidade que se é cobrada – concordamos veementemente com a colocação do autor – nos trabalhos produzidos nas academias.

Sobre a assertiva anterior, Almeida (2018) cunha que:

Considero essencial ser enunciado que a escrita deste trabalho também não tem, de nenhuma forma, a preocupação, ou o objetivo, de ser uma escrita neutra, sem implicação (até porque, a meu ver, a neutralidade é falaciosa), muito pelo contrário, tenho um ponto de vista sobre o que escrevo aqui, e pretendo transmiti-lo neste trabalho, portanto a discordância sobre o que será exposto não é só livre e esperada, como bem-vinda, já que demonstra que esse texto seguirá produzindo outros (ALMEIDA, 2018, p. 10, grifo no original).

Igualmente, as discussões neste estudo são processadas de maneira similar as de Soares (2017), levando em consideração o fato de que as histórias narradas são assim feitas a partir das experiências do sujeito pesquisador, trazendo as narrações/experiência do plano individual para o coletivo, como bem declarou o autor do trabalho, produzindo, assim, conhecimentos e reflexões acerca de racismo e educação. Desse modo, nota-se que a então pesquisa é construída tendo como base o que Conceição Evaristo compreende por *escrevivência*, no entanto, se desdobra esta noção quando se é proposto o uso da expressão como uma das maneiras possíveis de produção de conhecimento no campo das ciências humanas e sociais e, nesse trabalho, em específico, conhecimentos alusivos à discriminação e preconceito social, invisibilidade e redução dos corpos e intelectualidades negras e outros no ambiente acadêmico, sobretudo no interior da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e no curso de psicologia social, tanto por parte de alunos, quanto de professores.

No âmbito literário os desdobramentos também se colocam em posições curiosas. Em *Os brutos: escrevivência de um escritor de província*, pesquisa tecida por Silva (2002), observou-se que, incipientemente, não se é constatado uma afiliação implícita à noção de *escrevivência*, o que bem pode ser confirmado pela ausência de referências que beiram o assunto. O trabalho acima mencionado tem por objetivo propiciar “algumas considerações em torno do ponto de vista do narrador, enfocando a encenação do ‘EU’ no cenário artístico e sua interferência no modo de narração na

citada obra” (SILVA, 2002, grifo no original). Em outras palavras, o supracitado trabalho propõe analisar o desempenho do narrador presente na obra *Os brutos*, de José Bezerra Gomes (1938), no intuito de levantar considerações reflexivas sobre a conduta dele e a segmentação da respectiva narrativa. Para o que se propôs a metodologia adotada pela autora – escrevivência como tendência narrativa – mostrou-se categórica. Nesse sentido, notou-se que foi também por meio dela – a metodologia – que o conceito e a expansão de escrevivência foi abertamente exposta ao leitor.

De início, duas possibilidades de compreensão do que a autora se refere à escrevivência são postas: poderia pensar em escrevivência, a partir do que se é exposto no título, como o estudo da trajetória do escritor, ou, pelo que se é discutido no corpo do trabalho, como método gerativo de narrativa. No entanto, foi-se constatado que fora consideravelmente desprivilegiado o teor do que se é narrado – do que se fala a narrativa? – para enforçar, dessarte, em reflexões referentes a elementos intimamente ligados à reprodutibilidade técnica⁵, ou seja, as estruturas existentes entre autor, obra e leitor, o que permite concluir que no presente texto a noção de escrevivência é utilizada para balizar e conduzir discussões sobre o posicionamento e a importância do enunciador na narrativa. Exemplificando de um modo mais preciso, pode-se dizer que a pesquisadora toma como elementos alicerçantes de análise as inquietações pertinentes à como os narradores clássicos e pós-modernos se apresentam nas narrativas contemporâneas; a atuação do autor na construção da conduta do narrado, bem como as atribuições a ele delegadas: “narrar, nomear personagens, coordenar a tríade ação/tempo/espço” (SILVA, 2002).

Diante dos elementos retratados no trabalho original e ora analisado, percebemos que em *Os brutos: escrevivência de um escritor de província* (2002), a noção de escrevivência é alargada de modo a se caracterizar como elemento textual focada no ofício do narrador, uma vez que no presente trabalho a autora focaliza as análises no percurso narrativo, isto é, em como este é apresentado ao leitor, possibilitando depreender que a expressão em questão está sendo utilizada a tão somente aos estudos dos métodos narrativos ou, também, ao um próprio modelo de narração, desvinculada às pautas socialmente construídas.

⁵ Discussão desenvolvida de maneira ampla e didática por Walter Benjamim em *Magia e Técnica, Arte e Política* (1985), se for do seu interesse, consulte-a.

Ainda na premissa literária, em *Escrita feminina na obra de Rachel de Queiroz: feminismo, autoficção e escrevivência em Dôra, Doralina e memorial de Maria Moura*, de Prado (2019) é introduzida uma perspectiva igualmente ousada sobre a noção de escrevivência. Neste texto, tem-se como objetivo “discutir autoria feminina e ficção a partir da crítica feminista, utilizando-se de dois romances de Rachel de Queiroz” (PRADO, 2019), isto é feito através de análises de obras da escritora regionalista acima referenciada, onde a pesquisadora incumbida por este ofício se versa sobre a escrita de Rachel de Queiroz no intuito de identificar para além de pautas políticas como o feminismo – ainda que a autora se negue a pertencer a este movimento –, marcas de gênero e/ou tendências literárias, como pode ser percebido no trecho a seguir: “ademais, nessas duas obras encontramos também marcas de autoficção e escrevivência produzidas por Rachel de Queiroz que tanto aproxima criadora e criaturas” (PRADO, 2019).

Percebeu-se que após as análise dos *corporas* a autora apontou que a escrita de Raquel de Queiroz, especificamente em *Dôra, Doralina* (2014) e *Memorial de Maria Moura* (2010), últimos romances publicados pela a então escrevente, é caracterizada pela presença de um gênero híbrido, onde com o trabalho em questão foi possível identificar a: autoficção, autobiografia e escrevivência. Com esta afirmação, consequentemente, pode-se compreender que o desdobrado da noção a qual se é discutida nessa seção se apresenta com a caracterização dela como um gênero literário.

Partindo do princípio de que ambos os trabalhos – referimo-nos aqui também à pesquisa assinada por Silva (2002) – são efetivados no espaço da literatura pode-se perceber, ainda, o contraste entre os dois desdobramentos identificados, pois enquanto em Silva (2002) este conceito é apresentado uma estratégia narrativa e ponto de partida para discussão sobre a conduta do narrador, em Prado (2019), por outro lado, a noção é compreendida como um gênero literário posicionado lado a lado da autobiografia e autoficção, sendo esta assertiva comprovada com a análise do último capítulo da presente dissertação na qual a autora nomeia de *Autobiografia, autoficção e escrevivência em Rachel de Queiroz*, pois é propiciado a reconhecimento destes três elementos na escrita literária da escritora tomada como objeto de pesquisa do referido trabalho.

Considerações finais

Este estudo teve por objetivo analisar como a noção de escrevivência, surgida inicialmente na literatura brasileira, se enraizou nas demais áreas que compõe o currículo das ciências humanas e sociais. Com base no percurso metodológico adotado para exequibilidade dessa pesquisa, foi-se possível considerar que a expressão escrevivência é passiva de diferentes significações, a depender da área do conhecimento na qual se é utilizada. Neste trabalho, especificamente, foi-se identificada a operação e alargamento da expressão na própria literatura, educação formal e informal, psicologia social e clínica, bem como na música e na fotografia.

No âmbito pedagógico, por exemplo, a referida noção está sendo atuada como estratégia para construção de modelos educacionais formais e/ou informais – sobretudo em se tratando da produção de conhecimento popular por parte de mulheres atuantes na agricultura – assim como espaço de promoção de pautas políticas sobre a atuação de professoras negras no sistema público de ensino. Na literatura, esta é colocada como um gênero textual que aparece, conseqüentemente, em posições próximas à escrita de si e autoficção ou, ainda, técnica de análise do modo comportamental do narrador numa determinada obra literária.

Na psicologia social, por outro lado, a expressão é expandida de modo que opere a produzir conhecimentos acerca do racismo estrutural na universidade, militância antirracista, dinâmica de permanência de alunos negros no curso superior e, também, como maneira de auxiliar mulheres assistidas pela assistência social por meio de suas próprias narrativas de vida. Na fotografia e na música, o termo escrevivência é utilizada como base para o surgimento de outra nomenclatura como foto(escrevivência), caracterizada como uma ramificação da expressão original, e opera de maneira a possibilitar a divulgação e análise de produções fotográficas e musicais de artistas negros do século XX.

Por ser assim, foi-se possível notabilizar que a compreensão de escrevivência extrapola a unilateralidade de sentidos esperados, sendo, portanto, tomada como uma noção de vastos significados e interpretações, o que significa dizer que a respectiva expressão está em constante construção, alargando-se para outras áreas e, conseqüentemente, promovendo novas discussões nas diferentes áreas do conhecimento e possibilitando outros horizontes de pesquisa.

Referências

ALMEIDA, Arthur Gomes. *A história de a.: escritivências de um aluno cotista negro no curso de psicologia da ufrgs*. 2018, 83f. Monografia (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

BISPO, V. N.; SANTOS, E. DE J. Leci e Januário: escritivências negras contemporâneas na música e fotografia. *Idéias*, v. 8, n. 2, p. 83-112, 15 dez. 2017.

BUSKO, Paula. Escritivências Decoloniais: o Movimento do Feminismo Agroecológico como um Modelo de Educação Informal no Vale do Ribeira (SP). *Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas*, v. 20, n. 3, 2019.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2017.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012

OLIVEIRA, Célia. Escritivências e reflexões sobre práticas Pedagógicas nas ações para as relações Étnicorraciais. In: V Colóquio Internacional Educação Cidadania e Exclusão, V, 2018, Niterói. *Anais...* Rio de Janeiro: UFF, 2018. p. 1-9. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/revistas/ceduce/trabalhos>>. Acesso em: 04 jan. 2020.

OLIVEIRA, L. "Escritivência" em Becos da memória, de Conceição Evaristo. *Rev. Estud. Fem. Florianópolis*, v. 17, n. 2, p. 621-623, ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2009000200019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 fev. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2009000200019>.

PRADO, A. A. O. *Escrita feminina na obra de Rachel de Queiroz: feminismo, autoficção e escritivência em Dôra, Doralina e Memorial de Maria Moura*. 2019, 101f. Dissertação (Mestrado em Letras: Cultura, Educação e Linguagens) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, 2019.

SILVA, Vilma Nunes da. *Os brutos: escritivência de um escritor de província*. *Revista da Faculdade do Seridó*, v. 1. n. 0, p. 1-14, 2006.

SOARES, Lissandra Vieira. *Escritivências sobre mulheres negras acompanhadas pela proteção social básica – uma perspectiva interseccional*. 2017, 123f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. "Escritivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Revista Psicologia Política*, v. 17, n. 39, p. 203-219, 2017.